

NARRATIVA Nº 04 - AFS¹

Nome completo: Antonio Fortunato da Silva.

Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.

Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.

Data de nascimento: 06 de setembro de 1936.

Idade: 79 anos.

Estado civil: Casado com Gertrudes. Atualmente é casado com Maura Ribeiro da Silva.

Escolaridade: Não frequentou a escola.

Principais Atividades: Lavrador. Passou uma temporada em São Paulo trabalhando como ajudante de pedreiro.

Lugares onde viveu: Morou durante algum tempo na faz. Carrancudo, em Mairi, BA. Em 1958, ele esteve em Ribeirão Preto, SP, para servir ao Exército e, em 1961, voltou para São Paulo, para trabalhar, onde viveu até 1965. Depois também morou no município de Mundo Novo e em Pintadas, município de Ipirá, BA. Atualmente mora em Riachão do Jacuípe, BA.

Perfil: Extrovertido, falante.

Gravação da narrativa: 04 de setembro de 2014, às 15h, no Bairro Santa Mônica, em Riachão do Jacuípe.

[...] Doc.: O senhor foi pra São... pra São Paulo pra trabalhar?

Inf.: Fui trabalhar... fui trabalhar em sessen... ni cinquenta e oito.

Doc.: E por que o senhor decidiu ir lá pra São Paulo, assim?

Inf.: Filha, é porque naquele tempo... era um tempo muito... (superp. de fala da esposa: “ruim”).

Inf.: Bom... não. (superp. de fala da esposa: “de seca”).

Inf.: Não, um tempo bom a visto hoje mas... ao custo de vida mesmo... era pior de que aqui... a hoje sabe porque hoje... hoje... daí pra cá modificou tudo, dianteu tudo, o pessoal diz que hoje tá ruim, tá? Não, ao visto meu tempo hoje tá ótimo... a visto meu tempo hoje nada melhor... é porque... quem arcan... porque o [inint] de hoje não arcançaro aquele tempo mas quem arcançou meu tempo... acha que hoje tá uma maravilha porque no meu tempo ninguém... num conhecia o que era um arroz... um macarrão... nada disso existia nada disso existias... e naquele tempo eu pegava mais meu pai em cinquenta e dois numa seca que teve... eu pegava uma xica de farinha... uma xica de farinha daquela de tomar café... e botava numa mochila ia trabalhar no garimpo carregano cesto de barro na cabeça e comia aquelas... aquela farinha seca meio dia e bebia água... e hoje... [...]

Doc.: E aí, lá em São Paulo o senhor trabalhava em quê?

¹ A identificação de cada narrador é realizada com a mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas. A maior parte da transcrição foi realizada por Rosana Brito, mestranda em Estudos Linguísticos, pela UEFS/BA. Foram transcritos os trechos narrados que tratam, principalmente, das práticas de escrita e leitura, dos contextos de letramento dos sertanejos (para as narrativas completas, cf. gravações).

Inf.: Em São Paulo eu trabalhava minha filha era... serviço braçal... serviço braçal, ajudante de pedreiro e tal... eu servi o exército em cinquenta e oito em São Paulo é... Ribeirão Preto [inint] e aí... voltei... vim... vim embora e voltei em sessenta e um... sessenta e um até sessenta e quatro eu tava em São Paulo, sessenta e quatro eu vim não voltei mais.

Doc.: E voltou pra onde, pra...?

Inf.: Fiquei aqui mesmo, por aqui rodano só por aqui mehmo.

Doc.: Na roça?

Inf.: É, na roça... rodano aqui por Ipirá... Mundo Novo... Riachão... fiquei por aqui mesmo, né? meus filho hoje que mora tudo pra lá, eu tenho oito filho em São Paulo... é... hoje meus filho mora tudo lá sempre sempre eu tô lá.

Doc.: Aí quando tava lá o senhor resolveu escrever as cartas?

Inf.: É... essas carta eu fiz de lá sem saber a ler... eu nunca tive um dia de escola... eu via as carta dos outro... eu pegava as carta dos [inint] olhava pras carta assim escrevia essa... se'u li dizer que eu já tive um dia de escola tô li contano farso... nunca tive um dias... nunca tive um dia... eu olhava pra caneta dos outro escrevia a... a minha... a minha... copiava da dos outro eu olhava pela dos outro copiava a minha...eu digo... naquele tempo pai era difíço botar um filho na escola num tinha condições... pai não tinha condições nem pra comer nem pra sustentar um filho [inint] botar ne escola... e quando existia uma escola era bem longe só botava quem tinha dinheiro... as criança ia montado de animal, nós não... e aí eu escrevi ne São Paulo ne cinquenta e... essas carta aí que eu fiz foi de cinquenta e oito... escrevi pra Bahia... lembrava dos amigos tinha sodade dos amigo muita sodade... aí os... os cara que tinha carta escrevida... olhava olhava [inint] ia fazeno eles ia me ensinano, e aí escrevia quato cinco... oito... dez... tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha... aí foi ino... aí, dispois eu vi um irmão falano na Bibla assim sobre a Bibla sagrada... que Deus... lá mehmo em São Paulo nesse tempo que eu estava assim, né... eu tinha aquela vontade de aprender de a ler e num tinha como, aí eu fui numa... numa vez num... num culto numa... numa... numa reunião de... de evangélico, que toda vida teve, né? Tu sabe, né? Mais difíço mais teve, aí ele... leu uma passage que tem na Bibla... [inint] clesiate [inint] povérbio “A sabedoria verdadeira é a de Deus, a do mundo muitos dela se torna em locura”... de fato que é mesmo... aí quando eu vi essa palavra eu digo “meu Deus, se a sabedoria verdadeira é a de Deus pra que eu quero aprender do propri home?” aí eu botei aquilo aqui na mente, na cabeça... “meu Deus senhor...”. (superp. de fala da esposa: “é isso mesmo”).

Inf.: “Se eu tiver merecimento eu quero que me dê sabedoria verdadeira, aquela que tu deu Salomão”, que na Bibla diz, Salomão foi o rei mais sábio que existiu na face da terra...

Salomão pediu a Deus sabedoria, Salomão num pedia a Deus outra coisa a num ser sabedoria e Deus deu tudo competo a ele... aí eu... me improrei naquilo fiquei com aquilo... se a sabedoria verdadeira é de Deus... (superp. de fala da esposa: “abre o olho mô”)

Inf.: A do mundo... a do mundo diz que é locura pra que eu quero sabedoria do mundo, a vista pra ser um loco? Aí botei aquilo na cabeça, foi nada não e aí eu pedi a Deus... e Deus (fez) que eu tenho um pouquinho de sabedoria um pouquinho de desenvolvimento [] [...].

Doc.: Mas o senhor lembra quando foi que o senhor aprendeu a escrever?

Inf.: Rapaz, foi nessa data que eu... ne cinquenta e oito eu tava em São Paulo mesmo... uns pessoal escrevia pra Bahia, uns amigo escrevia pra Bahia, eu tinha vontade, aí eu pedi a eles... eles pegaro [inint] pegava umas letra escrevia aquela letra, me ensinava assim, eles fazia... copiava e eu fazia, né... até que eu... até que eu deus... Deus abriu minha mente e eu aprendi essa leitura [inint] eu tenho letra aí eu tenho rúbrica aí que eu faço ne certidão [inint] té no foru mehmo que eu escrevo no foru, né? Que eu sou um... no foru eu tenho um tito... eu sô um devogado, adefensor espiritual dento do foru de Riachão... e né dento do foru, é ne qualquer lugar na parte do mundo... [...].

Doc.: E o senhor gostava de ler, naquela época?

Inf.: Gostava, eu gostava de ler, eu tinha aquele fanatismo de ler... mas nunca tive ne escola, meu pai nunca teve condiçõe de botar, quando eu via os'outo ler, eu ficava com aquela...aquela... com vontade de aprender e num tinha com'ê que ia...vai aprender a... a leitura assim... sem ir na escola, né? E aí...

Doc.: E o senhor lia o quê naquela época?

Inf.: Eu?

Doc.: Hum, o quê que o senhor lia?

Inf.: Que eu lia?

Doc.: Hum, o quê?

Inf.: As veze o pessoal pegava aquele livro [imint] papel que tinha aquelas letra... e ali eles via [inint] meus amigo lá de São Paulo, eles trabalhavon [...] a noite e o dia eles ficava e aqueles cara que... que sabia ler ficava leno pegava aquelas gazeta, aqueles papel ia leno, eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade, eu dizia “eu tenho vontade” ele dizia assim “com'ê que você aprende sem ir na escola?”... eu disse “rapaz eu vi.. um eu vi um irmão na na... eu vi um irmão essa semana falano na... na... lá no... culto lá leno a Bibla e dizeno que a sabedoria verdadeira é a de Deus a do mundo é locura” e aí eu acho que... eu... eu vô pedir a Deus que me dê um pouco de sabedoria [] Salomão foi o reis que pediu a Deus sabedoria e ele deu compreto, aí eu fiquei nesta aí e leno aquelas

passage... procurano ler pa intender e eu sei que... foi por Deus mehmo que abriu a minha mente e colocou quilo ali porque pra o home tudo é impossible agora pra deus minha fia, tudo é possive.

Doc.: E quando o senhor morava na roça, lá tinha alguma coisa pra ler?

Inf.: Não... não que morava... nós morava no subúrbio... morava daqui a dizoito quilômetro... (superp. de fala da esposa: “dentro dos mato”).

Inf.: Criei é... trabalhano desde criança mais meu pai é... tempo de seca dá... dava água a animal era... era uma luta... num tinha num tinha escola... num existia escola... existia escola mas quem estudava naquele tempo? Filho de ó... uma pessoa naquele tempo pa formar um filho, ter um médico... um filho formado, ele é burguês é... nem a certo alguma pessoa da roça fazendeiro... que já era fazendeiro... que tinha umas condiçãozinha... às vez tinha pena de gastar o num gastava o num queria... os pessoal... cê sabe que o desenvolvimento de leitura... desenvolvimento mesmo... é o quê? De uns... cinquenta ano pra cá... é d’uns cinquenta ano pra cá... eu tô com setenta e sete [inint] de cinquenta ano pra traz... o desenvolvimento é de cinquenta ano pra cá... cê vê que os pessoal mais desenvolvido [inint] vê que é do quê? D’uns cinquenta ano pra cá... quarenta ano pra cá [inint] [...].

Doc.: Tinha alguma professora na região?

Inf.: Tinha o quê?

Doc.: Tinha alguma professora na região?

Inf.: Não na... na... na casião... nessa ocasião num tinha e se tivesse, era longe, era longe e mesmo se tivesse num... eu num tinha como estudar porque meu pai é... eu é quem trabalhava com meu pai com doze ano, teze ano, catoze, quem trabalhava era eu pra sustentar familia.

Doc.: E seus irmãos?

Inf.: Meus irmão era tudo menor.

Doc.: E Salomão?

Inf.: O Salomão era o mais velho de todo, o Salomão era o mais vei de todo, mais o Salomão era... nesse tempo já era rapaz, já saía pá fora, já tinha saído.

Doc.: Ele aprendeu a escrever também?

Inf.: Não, nunca soube a ler... nunca soube a ler.

Doc.: Mas ele escreveu umas cartas também...

Inf.: Salomão?

Doc.: Sim.

Inf.: Bom! Ele... logo... mas ele... logo nessa data que eu era pequeno não, mais todos que ele aprendeu dipois de... né? Que ele casou [inint] pra Mundo Novo, ele casou em Mundo Novo e

ele... né? eu não sei se ele... essas carta que ele fez, agora a Angélica sabia um pouquinho a ler... a Filomena sabia um pouquinho... a Áquida, que chama fiinha...

Doc.: E elas aprenderam como? O senhor lembra?

Inf.: Elas aprendero... é... porque quando... elas... quando surgiu uma escola... quando surgiu a escola... elas... elas ia estudar... longe, e eu mais meu pai eu num tinha... o Salomão era o mais velho, o Salomão logo saiu foi [inint.] sua vida, ficou eu... Carlos era o pequeno, Carlos era o pequeno era... num podia fazer nada, eu mais meu pai era quem trabalhava pra... pra dar de comer ao...ao resto da família.

Doc.: E o senhor lembra onde era a escola das meninas?

Inf.: Essa escola dar menina... era no Mo-... num lugar que chamava Mocó... essa escola tinha uma escola numa ocasião... mas eu tinha vontade de ir... ne... na...na escola, mas papai “com’ é que eu vô le botar? Quem trabalha comigo? Quem vai lutar mais eu? Quem vai trabalhar?” num tinha... aí também foi poucos dia de escola, aprender pouquinho, só assinar o nome... era só assinar o nome só, a leitura de minhas irmã foi essa, só de assinar o nome...aí... leiturinha pouca... [...]

Doc.: E dos seus pais, o senhor lembra dos ensinamentos deles? Eles gostavam de contar história?

Inf.: Lembro, lembro, do meu pai, eu lembro do meu pai, de minha mãe... eles contava aquelas historia... que hoje o pessoal duvida... ninguém credita nas historia que eles contava naquele tempo... o pessoal acha que seje té mentira.

Doc.: Eram histórias sobre o quê?

Inf.: É... falava daquela... do pessoal... do do pessoal mais velho... do pessoal mais velho... um rapaz pa casar numa casa... ia via ia pra... ia numa casa pra casar, chegava lá as... a moça num saía fora... a vei quando chegava assim, num olhava assim pra fora, uma vinha até aqui, olhava votava pra traz, os pai sentado ali, elas não vinha, os pai sentado ali convessano com rapaz a moça não vinha... a moça num vinha... conversar com aquele rapaz... o rapaz interessava casar com a moça, tinha quatro ou cinco moça interessava casar... falava com o pai da moça pra casar com a filha dele... e...e num escolhia qual era a moça pra casar... ele diz assim “Você vai casar com a... com a mais velha... você vai casar com a mais velha... porque as outra tá verdinha, chamava de novo era verde, as outra tá verdinha, você casa agora”... e fazia o casamento... num sentava de junto não, um de cá outro cá quando [inint] o rapaz falava com o pai da moça “Eu quero casar com sua filha com a filha sua” ele dizia “É” a vez é conhecido, quando num conhecesse a família, ia conhecer a família do rapaz “Você é filho de quem? Da onde assim?” e o pai da moça entrava, pegava, ia lá na casa do pai do rapaz

conhecer a família, dizia “Seu filho quer casar com minha fia”, tal e tal... aí concordava tanto o pai da moça como o pai do rapaz pa casar... mas a moça chegava [inint] chegasse de cá... [inint] um sentada de lá outro de cá... num chegava pa encostar de junto, num tinha aquele namoro de garrar, não... num tinha... contava tanto caso, né? E aí... casava o casamento, sabe acontecia? Delas que levava quinze dias sem o marido tomar conta da mulé... dispois os pai da moça pegava a moça, o pai e a mãe, pegava, ia levar na casa do rapaz “Já fez a casa?” “Não”. “Vá fazer a casa”. Aí o rapaz ia fazer a casa primeiro, se já tivesse casa [inint.] “Vá fazer sua casa” o rapaz ia fazer, depois que fizesse a casa, juntava os dois pai [inint.] fazia o casamento, a moça casava, passava oito dia, quinze, um mês ou mais de acordo, aí... quem... os pai da moça mais a mãe pegava, chegava, entregava lá na casa do marido, e já tinha casado a quinze dia ou a vinte ou trinta dia. Contava aqueles caso todo... isso tudo eu me lembro, é os caso de... é...

Doc.: E sua mãe? Sua mãe sabia ler e escrever?

Inf.: Não, nunca soube, nem minha mãe nem meu pai nunca soube ler... nunca souber ler não... ela nunca aprendero a leitura, né? E [inint.] caso aí, minha filha, desse pessoal mais velho que ninguém acredita muito mais. [...]

Doc.: A sua casa quando o senhor morava com seus pais era...é... lá perto da Fazenda Pau de Colher?

Inf.: Era ali pertinho, Pau de Colher foi... era ali perto do Pau de Colher mesmo...

Doc.: Perto da casa do seu Pitanga.

Inf.: É isto é [...] tudo ali era meus amigo [...].

Doc.: Quando o senhor foi pra São Paulo seu Pitanga que ficou tomando conta de sua roça?

Inf.: Foi quando eu fui pa São Paulo foi, Pitanga, foi... e aí criemo assim tal porque minha mãe faleceu em cinquenta e dois no dia... minha mãe faleceu no dia vinte e dois de junho de cinquenta e dois, é tanto que eu era menino e aí... de dois a três ano... eu fazia aquela...aquele diversão, sotar foguete e disse pra cá, quando minha mãe morreu... desse dia, eu não... pra mim... parei, eu fico recordano aquele dia [inint] fico recordano esse dia aí... e aí, parou... a festa de São João... eu não tenho diversão com a festa de São João [...] O que se passô com a gente em criança a gente lembra tudo... agora num adianta o que tá passano [inint.] com oito dias a gente esquece de tudo [inint] o juízo era fino decorava tudo e ali num... num, né? o que passou com a gente com doze, treze, dez ano, oito ano, nove ano, se lembra de tudo... caso que se passou comigo com oito, nove ano, me lembro de tudo... agora o que se passa daqui a quinze dia atrás... eu já esqueço... o juízo parece que a mente da gente [inint] naquele tempo a mente da gente é saldio, né? [...]

Doc.: Sua fazenda era no município de Coité ou de Riachão?

Inf.: Ó... ó... Pau de Colher ficava divisão... Pau de Colher, Dormida, Mucambo, é divisão de Riachão com Coité [...].

Doc.: Mas o senhor não guardou nada daquela época? Nenhum escrito daquela época não, né?

Inf.: Não... não... daquela época não... mas eu... e a gente lembra dos... dos passado tudo, dos amigo [...].

Doc.: Mas na época lá na roça o senhor já lia a Bíblia, é? Gostava de ler a Bíblia?

Inf.: Não... que nada... não... a lia não, lia... depois de um... poucos tempo depois que... né? né? Que eu me concentrei pedi a Deus sabedoria e tal e Deus abriu minha mente e eu hoje já leio... [...]

Doc.: Sua mãe tinha uma Bíblia em casa, não tinha não?

Inf.: Hum?

Doc.: Sua mãe tinha uma Bíblia?

Inf.: Não tinha... naquele tempo [inint] era difiço... era difiço... naquele tempo... via falar em Bibla e nem conhecia a Bibla... eu via falar em Bíblia e nem conhecia o que era Bibla no mundo... e a Bibla naqueles tempo era escondida... os pade tinha ela num mostrava pa ninguém, ninguém tinha... ninguém tinha [inint] de pegar numa Bibla... pade... só pade pega lá pra ler assim... latim ainda, falava as coisa que você nem sabia nem o que que tava falano... em latim, hoje tá bom pa todo mundo pegar e lê e decidir se...e conhecer a verdade, né?

Doc.: Quando o senhor começou a ler foi quando? Foi lá em São Paulo?

Inf.: Foi... eu (peguemo) lá de São Paulo, quando eu cheguei na Bahia cabei [inint] aí... me desenvolvi... mais aqui quando eu cheguei... quando eu peguei leno lá com os menino lá... tá... aí eu... quando eu cheguei aqui eu... eu me implorei nisso [inint] pessoa, pedia as pessoa “me ensina aqui” é? Aí a pessoa me ensinava, né? As pessoa que num... num ia (via) que num fui ne escola [inint] “me ensina aqui”, falava...a pessoa a vez falava assim, “e tal e tal”... eu aprendi assim... por lei vontade, por destino mesmo, né? E você sabe quando Deus tem prano e a gente quer, a gente se tem força de vontade... chega onde... onde quer, né?... a gente é o que... o que que... o que tiver força de vontade pa ser aquilo, se num tiver também...

Doc.: Aí quando o senhor tinha essas dúvidas perguntava assim a alguém. Quem era que lhe ajudava?

Inf.: Não, às vezes quando eu tinha assim uma dúvida assim ou (qualquer coisa) a pessoa perguntava aquelas pessoa que entendia mai do que eu, que sabia mais do que eu “Isso assim como é que faz... como é que isso? A pessoa me ensinava... e eu... aí fui... aprendeno assim, né? Aprendeno assim por conta própria, por lei vontade por... né, por minha força de vontade.

Doc.: Essa escola que o senhor falou que tem... tinha lá no Mocó que suas irmãs estudaram, o senhor chegou a conhecer essa escola?

Inf.: Ó, eu nunca fui nessa escola, mas eu sei que teve essa escola, sabe por quê? Que minhas irmã estudô outro dia... poucos dias, aprendeu pouquinho assinar o nome, sa... essa escola, a mulé chamava quem?... Dinamérica... tinha o apelido de Lua.

Doc.: A professora?

Inf.: Lua... Dina... o nome... o nome dela verdadeiro era Dinamérica... Lua... ela num era daqui, não, eles veio... um pessoal... um Antonio do Sobrado, um machante de gado, pro Mocó, comprou ali a fa... que hoje é de João Souza, hoje é a Pindorama ali, perto... de Cha... Chapada... pra cá um pouquinho, perto... encostado ao Mocó... e essa mulé veio, ensinou poucos dia na casa do meu avô... de Zé de Angerca... do meu avô, teve essa escola [inint.] as menina aprendero... negócio de poucos dias um mês... um mês e meio... e pouco... esse Paulo... Paulo que mora nas Campina... estudô nessa escola.

Doc.: Era uma casa?

Inf.: Era uma casa, a casa de meu avô, era a casa de meu avô, ensinava assim, numa salinha assim, como essa assim, era na roça [...]

Doc.: E o senhor saberia quem trouxe essa mulher pra... essa professora?

Inf.: Ó... essa mulé, essa professora [inint] que era professora... quem trouxe foi um homem, chamava Antonho do Sobrado... ele era machante de gado... aqui ne Riachão tinha... [...]

Inf.: [...] Não teve aqueles tito de papé que tem aquele foto deste tamanho, aqueles cartão? Dos tito vei de tigamente aquele... ele é um cartão deste tamanho quadrado com foto, e teve aquela transferência pra esses tito novo... pras esses tito... renovar aqueles tito... eu cadastrei... mil e oitocentos tito aqui de Riachão [...] eu fiz um cadastramento muito grande aqui, eu pegava identidade do povo, registro, certidão de casamento, saía no Riachão todo fazeno esses cadastro, eu cadastrei muitos... mil oitocentos e tantos tito aí...

Doc.: Isso foi quando?

Inf.: Rapaz, isso aí foi quando João Emílio foi deputado... agora cadê lembrar o (nome)... o ano... a data... eu sou esquecido demais... não tô lembrando assim ligeiro assim não... não tô me lembrando não, o ano... foi a primeira vez que ele foi a deputado, na segunda ele não ganhou, não tô lembrano bem não. Tá velho isso... [...]

Inf.: É... eu olhava...

Doc.: Pra o recadastramento, né?

Doc.: É... eu olhava... eu olhava pra o... pra o... as letra dos outro e fazia olhano... copiano de uma fazeno a outra... eu escrevia carta... eu escrevia carta de São Paulo pra qui cinco, seis,

oito carta pra os pessoal [inint] Pitanga tem essas carta... provavelmente que tem, né? Que eles guardaro essa carta... essas carta lá... daquele tempo em sessenta e um... em cinquenta e oito, essas cartas fazia assim, sem saber... pelo... olhano pelas outra, letra das outra assim e fa... fazeno né? E aí fazia aquela letra toda garranchada... e aí... acho que eu ainda tenho cartas ne Pitanga porque quando eu fui pra lá [inint] escrevia pra esse pessoal daí... pra Pitanga, pra Mariazinha pra esse pessoal daí da... da... os amigo aí... aí eu escre... fazia aquelas carta toda doidada, esgarranchada, sem saber o quê... aí... (rindo)

Doc.: Tá certo... (rindo)

Inf.: As letra toda... fazia olhano por uma, né? E fazeno a outra, né? Com aquelas letra que o pessoal... como é... escreveu... e aquela vontade de, né? Aí tinha um amigo meu... um... um parente meu chamava Chico Nambu, ele já faleceu, ele mora lá em Pé de Serra, ne... ne Serra Branca “esse homem, ave Maria se não estudasse um devogado não tinha quem pudesse” (rindo), mas não tenho inveja não... de não... eu... eu sou o que eu sou o que Deus quer que eu... tá bom... não tem...

Doc.: Mas o senhor lê hoje em dia?

Inf.: Lê... eu lê alguma letra que não seja muito embaralhada, até de médico eu lê [inint].

Doc.: E o senhor costuma ler o quê, assim?

Inf.: Qualquer letra eu leio... leio a Biblia, leio qualquer letra... qualquer letra aí... de imprensa...leio tudo... letra de imprensa, leio tudo tudo, só for... e letra de mão se for muito... se for muito... só se for muito esgarranchada... mas se for uma letra visível eu leio... eu decifro... eu leio... tanto eu escrevo como eu leio... eu, bem verdade eu, né me gabano não, mas... eu, realmente tem muitos... pessoa... meninos de hoje cê vê com uns quatro, cinco, seis ano de escola... [...]